



**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS:
reflexões para o ensino de língua portuguesa**

***LINGUISTIC BELIEFS AND ATTITUDES:
Reflections for Teaching Portuguese Language***

Dayse de Souza Lourenço Simões¹ - UNOPAR 
Andressa Caroliny de Lima Paulino² - UNOPAR 

RESUMO

Este artigo aborda crenças e atitudes linguísticas de falantes de Curitiba e Londrina, considerando suas implicações no ensino da língua portuguesa. O objetivo geral consiste em analisar as crenças e atitudes linguísticas de falantes dessas cidades, destacando suas implicações para o ensino da língua portuguesa e a valorização da diversidade linguística em contextos educacionais. Os resultados demonstram como as crenças sobre variedades influenciam práticas escolares, reforçando estereótipos linguísticos. O artigo propõe estratégias pedagógicas para o combate ao preconceito e valorização da diversidade, contribuindo para uma educação mais inclusiva e crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças linguísticas; Atitudes linguísticas; Ensino de língua; Preconceito linguístico

ABSTRACT

This article addresses linguistic beliefs and attitudes of speakers from Curitiba and Londrina, considering their implications for Portuguese language teaching. The general objective is to analyze the linguistic beliefs and attitudes of speakers from these cities, highlighting their implications for Portuguese language teaching and the appreciation of linguistic diversity in educational contexts. The results indicate that factors such as gender, education level, and age influence linguistic judgments, reinforcing the need for pedagogical practices that value linguistic diversity and combat prejudice.

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela UEL. Mestra em Estudos da Linguagem pela UEL. Graduada em Letras Vernáculas e Clássicas pela UEL e em Pedagogia pela Unicesumar. Docente permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Ensino de Linguagens e suas Tecnologias na UNOPAR. E-mail: dayse.lourenco1990@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2170-2223>

² Mestra em Ensino de Linguagens e suas Tecnologias pela UNOPAR. Graduada em Pedagogia pela UEL. EMAIL: andressaproflima@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8677-5814>

KEYWORDS: Linguistic beliefs; Linguistic attitudes; Language teaching; Linguistic prejudice

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

A língua é um fenômeno social dinâmico, profundamente influenciado por fatores históricos, culturais e políticos. No Brasil, apesar de ser considerado um país monolíngue pela predominância do português, a riqueza de variações regionais e sociais é inegável. Essa diversidade linguística, enquanto símbolo de pluralidade cultural, também é terreno fértil para a reprodução de preconceitos e desigualdades.

Estudos em Sociolinguística demonstram que variações linguísticas são frequentemente associadas a estigmas ou prestígios, refletindo não apenas o modo como os indivíduos falam, mas também como são percebidos e julgados na sociedade (Este artigo aborda crenças e atitudes linguísticas de falantes de Curitiba e Londrina, considerando suas implicações no ensino da língua portuguesa. Fundamentado na Sociolinguística e na Psicologia Social, o estudo utiliza a técnica Matched-Guise para analisar percepções de prestígio e estigma entre variantes linguísticas dessas regiões.

O objetivo geral consiste em analisar as crenças e atitudes linguísticas de falantes dessas cidades, destacando suas implicações para o ensino da língua portuguesa e a valorização da diversidade linguística em contextos educacionais. Os objetivos específicos são: i) investigar as percepções e julgamentos dos falantes em relação às variedades linguísticas de Curitiba e Londrina; ii) examinar a influência de variáveis como sexo, escolaridade e faixa etária nas avaliações linguísticas realizadas pelos participantes; iii) identificar estereótipos e preconceitos associados às variantes regionais e discutir como essas percepções impactam práticas pedagógicas; e iv) propor estratégias educacionais que promovam a inclusão e a valorização da diversidade linguística, contribuindo para o combate ao preconceito no ambiente escolar.

Os resultados indicam que fatores como sexo, escolaridade e faixa etária influenciam julgamentos linguísticos, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade linguística e combatam o preconceito. O trabalho contribui para a reflexão crítica sobre como a educação pode promover uma compreensão mais inclusiva da linguagem.).

No contexto educacional, essas percepções tornam-se ainda mais significativas, pois a escola frequentemente atua como agente de reforço de normas linguísticas padronizadas, em detrimento da valorização das

variantes regionais e sociais. Isso pode levar à exclusão simbólica de alunos cuja fala não corresponde ao modelo normativo esperado, impactando negativamente sua autoestima e desempenho acadêmico. Nesse cenário, compreender as crenças e atitudes linguísticas de diferentes comunidades torna-se essencial para a formulação de práticas pedagógicas que promovam a valorização da diversidade linguística e combatam o preconceito.

Nessa perspectiva, é importante reconhecer que o ensino da língua portuguesa não se limita à gramática normativa, mas deve também contemplar experiências de leitura e produção de sentido que toquem a subjetividade dos alunos. Como lembram Simões, Andrade e Honório (2025), a escola contemporânea precisa resgatar o direito dos estudantes à imaginação, à palavra sensível e ao encontro com o outro — dimensões que muitas vezes são silenciadas por uma abordagem tecnicista da linguagem e da leitura.

Este artigo investiga as crenças e atitudes linguísticas de falantes de Curitiba e Londrina, com base na técnica Matched-Guise, desenvolvida por Lambert (1967). Esse método permite analisar percepções e estereótipos associados a diferentes variedades linguísticas, evidenciando como fatores como sexo, escolaridade e faixa etária influenciam esses julgamentos. A partir dos resultados, busca-se refletir sobre as implicações desses fenômenos para o ensino da língua portuguesa, propondo estratégias pedagógicas que promovam uma abordagem inclusiva e crítica.

Para tanto, este artigo aborda crenças e atitudes linguísticas de falantes de Curitiba e Londrina, considerando suas implicações no ensino da língua portuguesa. Fundamentado na Sociolinguística e na Psicologia Social, o estudo utiliza a técnica Matched-Guise para analisar percepções de prestígio e estigma entre variantes linguísticas dessas regiões.

Dessa forma, este trabalho busca contribuir para a reflexão crítica sobre o papel da educação na desconstrução de preconceitos linguísticos e na formação de cidadãos conscientes da riqueza e complexidade da língua portuguesa.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Este estudo utilizou a técnica Matched-Guise, um método amplamente reconhecido na Sociolinguística e na Psicologia Social para investigar atitudes e crenças linguísticas. Essa técnica permite medir percepções subjetivas associadas a diferentes variedades linguísticas, eliminando a interferência de características não linguísticas dos falantes, como aparência física ou comportamento, por meio da análise de gravações de áudio.

A pesquisa contou com a participação de 24 indivíduos, divididos igualmente entre falantes de Curitiba (12) e Londrina (12). Os participantes foram selecionados de maneira intencional, garantindo diversidade quanto ao sexo, nível de escolaridade e faixa etária. Esses critérios foram escolhidos devido à relevância dessas variáveis para a análise de atitudes linguísticas. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo e consentiram em participar voluntariamente.

Foram produzidas gravações de leitura do mesmo texto em voz alta por falantes representativos de cada cidade, com o objetivo de capturar as características fonéticas das variedades linguísticas analisadas. Cada gravação foi cuidadosamente selecionada para evitar ruídos ou elementos que pudessem comprometer a análise. As gravações foram então reproduzidas para os participantes, que as avaliaram anonimamente.

As avaliações foram realizadas por meio de um questionário estruturado, contendo escalas de julgamento que mediam atributos como prestígio, simpatia, inteligência, confiabilidade e status social do falante. As escalas variavam de 1 (muito baixo) a 5 (muito alto), permitindo uma análise quantitativa das percepções dos participantes.

Os participantes foram divididos em pequenos grupos e expostos às gravações em uma sala silenciosa, garantindo condições adequadas para a escuta. Após ouvir cada gravação, os participantes responderam ao questionário, avaliando as características atribuídas ao falante com base apenas em sua voz. Os julgamentos foram realizados de forma individual e as respostas foram coletadas anonimamente para evitar influências interpessoais.

Os dados coletados foram organizados e analisados utilizando um software estatístico especializado, permitindo a identificação de padrões nas avaliações dos participantes. Foram realizadas análises descritivas e inferenciais para investigar a influência de variáveis como sexo, escolaridade e faixa etária nas atitudes linguísticas. Testes estatísticos, como análise de variância (ANOVA), foram utilizados para determinar diferenças significativas entre os grupos.

Além disso, foram realizadas análises qualitativas das avaliações abertas, com o objetivo de compreender melhor os estereótipos e preconceitos associados às variedades linguísticas estudadas. Essa triangulação metodológica permitiu uma interpretação mais robusta dos dados, combinando insights quantitativos e qualitativos.

O estudo foi conduzido em conformidade com os princípios éticos de pesquisa, respeitando a privacidade e a confidencialidade dos participantes. Todos os dados foram utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e as identidades dos participantes foram preservadas em todas as etapas da pesquisa.

A articulação entre as Crenças e Atitudes Linguísticas e Ensino

A Sociolinguística surge no cenário acadêmico como uma área que estuda a interação entre fatores linguísticos e sociais, considerando que a língua é um fenômeno intrinsecamente ligado ao contexto em que está inserida (Bright, 1974). Os trabalhos de William Labov (1972) consolidaram a Sociolinguística Variacionista ao demonstrar que a variação linguística é sistemática e segue padrões influenciados por fatores sociais, como classe, gênero, idade e contexto geográfico. Essa abordagem trouxe um contraponto à visão estruturalista tradicional, que ignorava a heterogeneidade da língua, restringindo-a a sistemas homogêneos.

No âmbito educacional, a Sociolinguística oferece ferramentas para a desconstrução de preconceitos linguísticos que frequentemente permeiam o ensino. Conforme Bagno (2002), o sistema educacional brasileiro historicamente privilegia uma norma culta, frequentemente apresentada como superior. Tal postura ignora a legitimidade das variedades linguísticas regionais e socioeconômicas, reforçando desigualdades. Para Mollica (2008), educar sobre variação linguística é um ato político que visa promover equidade, mostrando que todas as variedades são formas legítimas de expressão cultural.

Labov (1972), em estudos como o da ilha de Martha's Vineyard, demonstrou que a escolha por variantes linguísticas pode ser uma forma de afirmação identitária, evidenciando que o uso linguístico transcende o nível estrutural, estando relacionado às dinâmicas sociais e culturais. Essa perspectiva é essencial no ensino, pois a valorização da diversidade linguística em sala de aula não apenas contribui para a formação de cidadãos críticos, mas também fortalece a autoestima de alunos que falam variedades regionais ou estigmatizadas.

Além disso, ressaltamos que o estudo das crenças e atitudes linguísticas se apoia em princípios da Psicologia Social, que entende atitudes como disposições mentais influenciadas por fatores cognitivos, afetivos e comportamentais (Lambert e Lambert, 1975). A técnica *Matched-Guise*, desenvolvida por Lambert (1967), revelou que as atitudes em relação às línguas não são apenas reações linguísticas, mas também refletem julgamentos sociais. Por meio dessa metodologia, ficou evidente que características como competência, confiabilidade e atratividade social podem ser atribuídas com base em percepções sobre a fala de um indivíduo.

No Brasil, o trabalho de Moreno Fernández (1998) e outros pesquisadores indica que crenças linguísticas são construídas e mantidas por meio de interações sociais e midiáticas, sendo muitas vezes

impregnadas de estereótipos e preconceitos. Nesse sentido, Barcelos (2007) destaca que crenças linguísticas não são estáticas, mas dinâmicas, moldadas por experiências e interações sociais. Dessa forma, crenças e atitudes podem ser desafiadas e transformadas em contextos educativos que promovam reflexões críticas sobre a linguagem.

Ainda, Lambert (1967) observa que as atitudes linguísticas desempenham um papel crucial na formação de identidades sociais e culturais, sendo responsáveis pela manutenção de hierarquias sociais por meio do prestígio atribuído a certas variedades em detrimento de outras. Essa dinâmica é especialmente relevante no contexto brasileiro, onde o preconceito contra variedades regionais é reforçado por discursos midiáticos e educacionais que associam a norma culta à sofisticação e ao sucesso.

Salientamos que o preconceito linguístico é um fenômeno amplamente documentado no Brasil, onde a diversidade de variantes linguísticas, muitas vezes, dá origem a estigmatizações e hierarquias sociais (Bagno, 2002). Ressaltamos que características como o uso do rótico retroflexo são frequentemente associadas a estereótipos de inferioridade cultural ou falta de educação, perpetuando desigualdades em contextos sociais e educacionais.

No campo educacional, o preconceito linguístico tem efeitos profundos. Alunos que falam variedades não padrão frequentemente enfrentam discriminação e têm sua autoestima comprometida, o que impacta negativamente seu desempenho escolar (Soares, 2004). Nesse sentido, a formação de professores deve priorizar a conscientização sobre diversidade linguística, oferecendo ferramentas para que os educadores compreendam que a norma culta é apenas uma entre muitas variantes legítimas.

A incorporação de perspectivas sociolinguísticas no currículo escolar pode desafiar visões homogeneizadoras e promover práticas pedagógicas inclusivas. Conforme apontado por Soares (2004), estratégias que valorizam a pluralidade linguística contribuem para a construção de um ambiente educacional que respeita as identidades dos alunos. Esse processo envolve não apenas a valorização das variantes regionais, mas também a reflexão sobre as relações de poder que sustentam o preconceito linguístico.

A valorização da diversidade linguística na escola não deve ser vista apenas como um ato político-pedagógico de combate ao preconceito, mas também como parte de um projeto de formação humana. Tal perspectiva dialoga com a defesa da literatura como espaço de resistência à desumanização, conforme discutido por Simões, Andrade e Honório (2025), ao apontarem que o apagamento da literatura na escola

contemporânea é sintoma de um currículo que privilegia o utilitarismo em detrimento da sensibilidade, da imaginação e do direito ao sonho. Assim como o trabalho com o texto literário, o reconhecimento das múltiplas formas de expressão da língua contribui para o fortalecimento de um olhar crítico e sensível para o mundo.

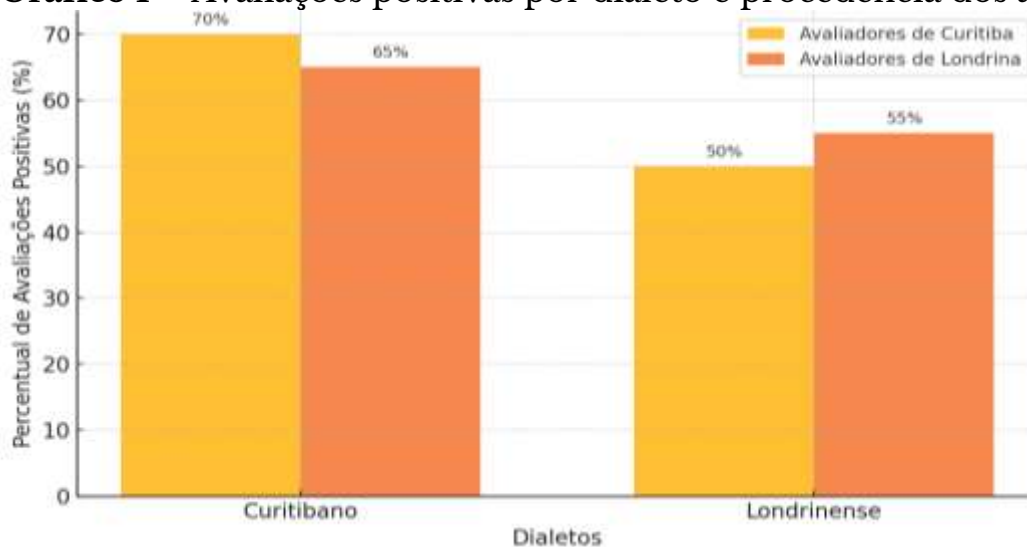
Em síntese, o enfrentamento do preconceito linguístico em sala de aula é um passo essencial para a construção de uma educação equitativa. Ao incorporar noções de diversidade linguística e identidade cultural, os professores têm o potencial de transformar a sala de aula em um espaço de empoderamento e inclusão.

O que dizem os dados?

A análise das percepções e julgamentos dos falantes de Curitiba e Londrina revelou aspectos fundamentais sobre as crenças e atitudes linguísticas em relação às variedades regionais, com destaque para as diferenças atribuídas a fatores socioculturais e demográficos.

As avaliações positivas prevaleceram em relação ao dialeto curitibano, tanto por parte dos avaliadores de Curitiba quanto dos de Londrina, demonstrando um maior prestígio atribuído à variante da capital do estado. Em contrapartida, o dialeto londrinense, embora também avaliado de forma positiva, recebeu uma menor proporção de apreciações favoráveis, refletindo estereótipos historicamente associados ao interior do Paraná.

Gráfico 1 – Avaliações positivas por dialeto e procedência dos avaliadores

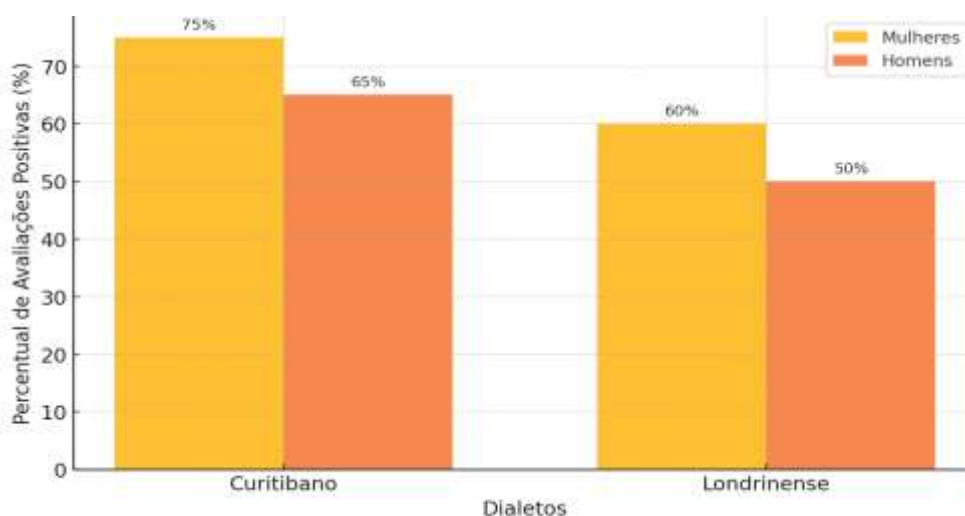


Fonte: os autores

O gráfico apresenta o percentual de avaliações positivas atribuídas aos dialetos curitibano e londrinense por avaliadores provenientes de Curitiba e Londrina. Notamos que o dialeto curitibano recebeu maior número de avaliações positivas de ambos os grupos de avaliadores, confirmando seu maior prestígio. Em contrapartida, o dialeto londrinense, embora avaliado positivamente, apresenta menor proporção de apreciações favoráveis, refletindo a persistência de estereótipos associados à variante do interior. Essas tendências destacam a influência de contextos sociais e culturais nas crenças linguísticas.

Além disso, as análises mostraram que fatores como sexo, escolaridade e faixa etária influenciam diretamente os julgamentos realizados pelos participantes. No que diz respeito ao sexo, constatamos que as mulheres se mostraram mais propensas a emitir julgamentos positivos, além de apresentarem maior frequência de participação ativa nas avaliações, o que sugere maior sensibilidade às diferenças linguísticas.

Gráfico 2 – Avaliações positivas por sexo e dialeto



Fonte: os autores

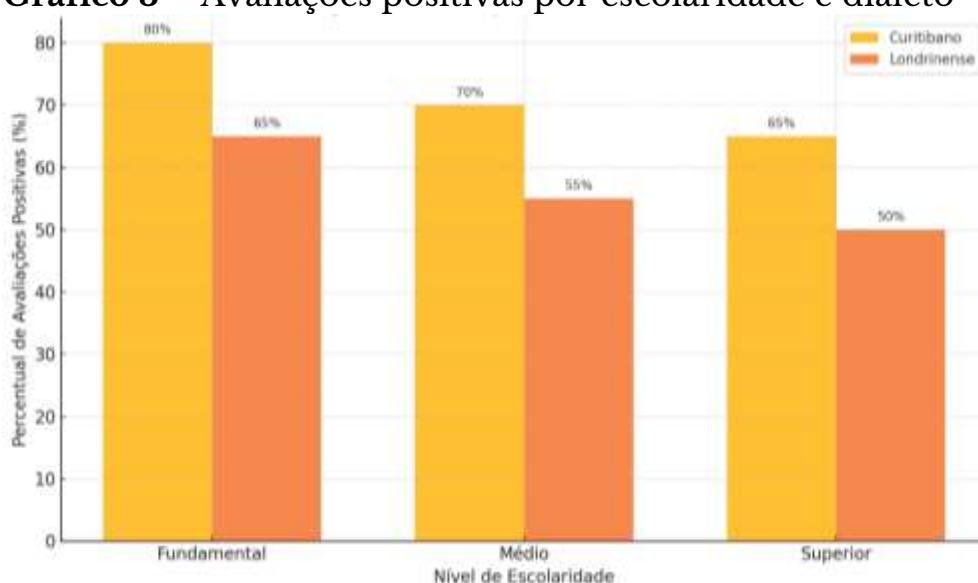
O gráfico detalha as avaliações positivas por sexo em relação aos dialetos curitibano e londrinense. Observamos que as mulheres avaliam ambos os dialetos de forma mais positiva do que os homens, com uma diferença mais expressiva para o dialeto curitibano. Este dado reforça a maior propensão das mulheres a emitir julgamentos positivos, alinhando-se à análise de que elas são mais sensíveis às diferenças linguísticas e participam ativamente das avaliações.

Esses resultados podem indicar que as mulheres, por apresentarem maior engajamento, podem ter uma percepção mais inclusiva e receptiva

às variantes linguísticas. Esse aspecto é relevante no contexto educacional, sugerindo que a formação docente e atividades pedagógicas podem se beneficiar da maior sensibilidade identificada nesse grupo.

Em relação à escolaridade, observamos que os participantes com nível fundamental atribuíram maior prestígio às variantes analisadas em comparação aos de nível médio e superior, possivelmente devido a uma menor exposição a discursos normativos sobre a língua.

Gráfico 3 – Avaliações positivas por escolaridade e dialeto



Fonte: os autores

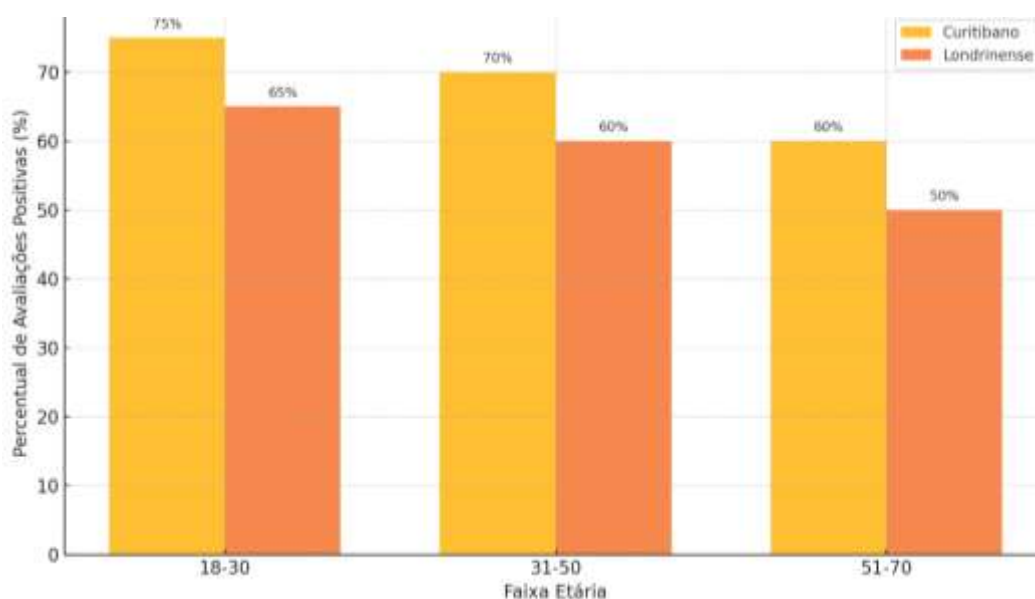
O gráfico ilustra as avaliações positivas por escolaridade em relação aos dialetos curitibano e londrinense. Observamos que os participantes com nível fundamental atribuíram maior prestígio a ambas as variantes analisadas, com destaque para o dialeto curitibano. À medida que o nível de escolaridade aumenta, os julgamentos positivos diminuem, indicando uma relação inversa entre exposição educacional e aceitação das variantes.

Essa tendência pode ser explicada pela menor exposição dos participantes de nível fundamental a discursos normativos sobre a língua, o que os torna menos influenciados por padrões de prestígio tradicionalmente associados ao ensino formal. Em contrapartida, os participantes com níveis médio e superior, possivelmente mais imersos em visões normativas, mostraram-se mais críticos em suas avaliações.

Esses dados destacam a importância de desconstruir preconceitos linguísticos no ambiente educacional, promovendo maior valorização da diversidade linguística em todos os níveis de escolaridade. A conscientização sobre a legitimidade das variantes regionais pode contribuir para práticas pedagógicas mais inclusivas.

No que concerne à faixa etária, verificamos que os participantes jovens, na faixa dos 18 a 30 anos, realizaram julgamentos mais polarizados, enquanto os avaliadores mais velhos, entre 51 e 70 anos, tenderam a evitar julgamentos categóricos.

Gráfico 4 – Avaliações positivas por faixa etária e dialeto



Fonte: os autores

O gráfico apresenta as avaliações positivas por faixa etária em relação aos dialetos curitibano e londrinense. Notamos que os participantes jovens (18 a 30 anos) atribuíram maior percentual de avaliações positivas para ambos os dialetos, especialmente para o curitibano, demonstrando julgamentos mais polarizados. Já os avaliadores mais velhos (51 a 70 anos) apresentaram menor frequência de avaliações positivas e maior neutralidade em seus julgamentos.

Esse comportamento dos participantes mais jovens pode refletir uma postura mais assertiva ou menos influenciada por convenções sociais rígidas, permitindo avaliações mais diretas, tanto positivas quanto negativas. Por outro lado, os participantes mais velhos podem demonstrar maior cautela ou evitar julgamentos categóricos, possivelmente devido a experiências acumuladas que promovem uma visão mais equilibrada ou menos conflitiva.

Esses resultados indicam que as diferenças geracionais influenciam as percepções linguísticas, destacando a necessidade de estratégias pedagógicas que considerem as dinâmicas etárias na abordagem da diversidade linguística. Trabalhar com diferentes gerações em sala de aula

pode enriquecer as discussões, promovendo maior empatia e compreensão mútua sobre as variedades linguísticas regionais.

As associações realizadas pelos participantes evidenciam a persistência de estereótipos linguísticos. O dialeto curitibano foi frequentemente descrito como sofisticado e formal, reforçando sua associação a atributos de prestígio social e cultural. Por outro lado, o dialeto londrinense foi estigmatizado com características como simplicidade e rusticidade, reflexo de preconceitos relacionados ao rótico retroflexo, frequentemente associado à falta de escolaridade e à fala rural.

As percepções identificadas nos dados analisados apontam para a necessidade de intervenções no ambiente escolar. O reconhecimento de estereótipos e preconceitos linguísticos e sua relação com as práticas pedagógicas é essencial para promover a valorização da diversidade linguística entre os estudantes.

Os resultados desta pesquisa reafirmam que as crenças e atitudes linguísticas estão profundamente enraizadas em fatores históricos, sociais e culturais. A maior valorização do dialeto curitibano, identificada inclusive entre os próprios londrinenses, reflete o prestígio atribuído à capital paranaense, frequentemente associada a centros políticos e econômicos, como descrito por Moreno Fernández (1998) e Labov (2008).

A análise das variáveis sociodemográficas evidenciou que mulheres e jovens demonstraram maior receptividade às variações linguísticas. Esse dado aponta para a importância de explorar essas características em estratégias educacionais, visto que as atitudes positivas podem ser potencializadas na formação de uma consciência crítica sobre a diversidade linguística.

Ainda, ressaltamos que os estereótipos observados nas avaliações — que relacionam o dialeto curitibano à sofisticação e o londrinense à simplicidade — reforçam os impactos negativos do preconceito linguístico. Conforme Alkmin (2005), essas percepções não estão ligadas às características intrínsecas da língua, mas a julgamentos de natureza política e social, refletindo desigualdades estruturais na forma como a linguagem é avaliada.

Esse fenômeno, quando não problematizado, tende a ser reproduzido no ambiente escolar, perpetuando visões normativas e excludentes sobre a língua. A desconstrução desses preconceitos exige práticas pedagógicas que abordem a variação linguística como um fenômeno natural e legítimo.

Os dados reforçam a necessidade de uma abordagem educacional que valorize a diversidade linguística, promovendo a inclusão e o combate ao preconceito no ambiente escolar. A formação docente desempenha um papel crucial nesse processo, ao sensibilizar os professores sobre os

impactos das crenças linguísticas em suas práticas pedagógicas. Estratégias como análise crítica de discursos, utilização de materiais que evidenciem a diversidade linguística e debates sobre estereótipos pode contribuir significativamente para a construção de uma visão mais inclusiva e plural sobre a língua.

Diante dos resultados apresentados, é essencial que a escola se estabeleça como um espaço de inclusão, respeito e valorização das múltiplas formas de expressão linguística. Para isso, propomos estratégias educacionais, que visam promover a inclusão e a valorização da diversidade linguística, além de contribuir para o combate ao preconceito no ambiente escolar.

Estratégias educacionais para promover a valorização da diversidade linguística

Incorporar a diversidade linguística ao planejamento pedagógico é fundamental para sensibilizar os alunos sobre a pluralidade do português brasileiro. Atividades como oficinas de análise de dialetos e sotaques regionais podem evidenciar a legitimidade das variantes linguísticas. Além disso, exemplos de diferentes variantes devem ser incluídos nos materiais didáticos utilizados em sala de aula, normalizando sua presença no ensino formal.

Trabalhar com discursos presentes na mídia, na política e na literatura pode ajudar os estudantes a identificar e problematizar preconceitos linguísticos. Debates sobre como a linguagem reflete identidades culturais e é usada como ferramenta de exclusão ou inclusão podem ser promovidos para ampliar a conscientização sobre a importância da diversidade.

Utilizar obras de autores regionais e locais é uma maneira eficaz de valorizar as variantes linguísticas e conectar os alunos às suas próprias realidades. Essas leituras podem ser complementadas pela produção de textos que reflitam as vivências linguísticas dos estudantes, fortalecendo sua autoestima e senso de pertencimento.

Tais práticas se alinham ao que Simões, Andrade e Honório (2025) denominam de “centelha na escuridão” — um gesto pedagógico que reacende, no ambiente escolar, a potência transformadora da linguagem, especialmente por meio da literatura. Incorporar textos literários que dialoguem com a oralidade, com os afetos e com as experiências linguísticas dos alunos fortalece o vínculo entre a diversidade linguística e a construção de identidades plurais.

Dinâmicas que promovam a reflexão crítica, como "troca de papéis", podem ajudar os alunos a compreenderem os impactos negativos do

preconceito linguístico. Por meio dessas atividades, os estudantes têm a oportunidade de experimentar como é ser julgado por sua maneira de falar, desenvolvendo maior empatia e respeito pelas diferenças.

Os alunos devem ser incentivados a compartilhar suas vivências e histórias linguísticas, seja por meio de apresentações orais, vídeos ou projetos colaborativos. Esse protagonismo reforça a valorização da diversidade e estimula a produção de conhecimento a partir de suas experiências.

A formação continuada dos professores deve incluir discussões sobre variação linguística e estratégias pedagógicas para abordar o tema em sala de aula. É essencial que os educadores estejam preparados para desconstruir preconceitos e promover práticas inclusivas que valorizem as diferentes variantes linguísticas.

Ainda, reforçamos a importância de trabalhar com propagandas, programas de televisão e conteúdos digitais permitindo que os alunos identifiquem preconceitos linguísticos e participem ativamente da sua desconstrução. Além disso, incentivar a produção de conteúdos multimodais pode ser uma maneira criativa de representar a diversidade linguística.

Ademais, é essencial estabelecer parcerias com a comunidade escolar, convidando membros para compartilhar suas histórias e vivências linguísticas, pode enriquecer as discussões em sala de aula. Projetos que conectem os alunos às tradições locais também fortalecem o vínculo entre escola e comunidade.

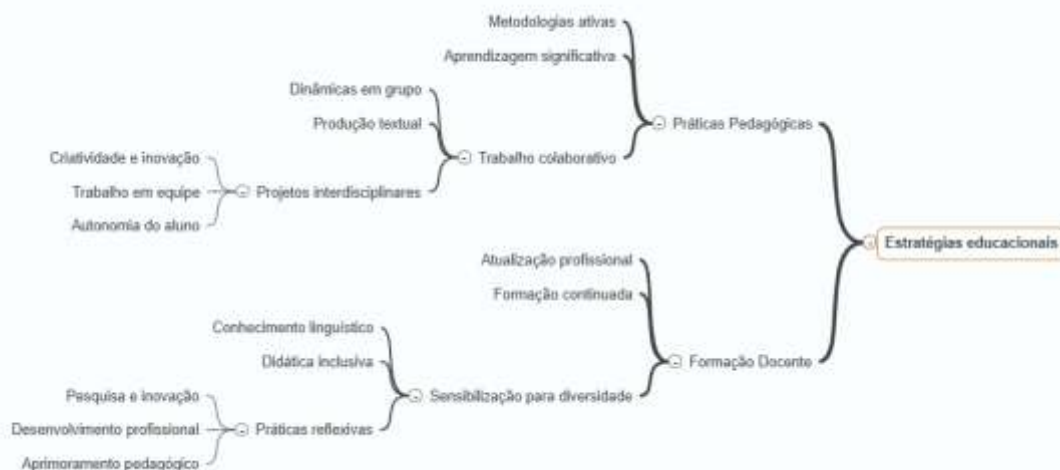
Reforçamos a importância de atividades que promovam a oralidade, como rodas de conversa e bancos de histórias, devem ser incorporadas à rotina escolar. Esses espaços permitem que os estudantes expressem suas identidades linguísticas e reconheçam o valor das diferentes formas de falar.

É fundamental garantir que a escola seja um espaço seguro para todas as formas de expressão linguística. Cartazes, murais e atividades que celebrem a diversidade devem ser constantemente utilizados para reforçar uma cultura de respeito e inclusão.

Essas estratégias educacionais visam não apenas combater o preconceito linguístico, mas também promover uma educação que valorize a pluralidade cultural e linguística do Brasil. Dessa forma, os estudantes poderão desenvolver uma visão mais crítica, inclusiva e democrática sobre as múltiplas vozes que compõem o português brasileiro, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e respeitosa.

De modo a sintetizar as ideias aqui discutidas, elaboramos um mapa mental apresentado a seguir:

Figura 1 – Estratégias educacionais



Fonte: elaborado pelos autores

O mapa mental apresentado na imagem organiza de forma estruturada diversas estratégias educacionais, categorizadas em dois grandes eixos: Práticas Pedagógicas e Formação Docente. Essas estratégias têm como objetivo central a promoção de um ensino mais dinâmico, inclusivo e alinhado às demandas contemporâneas da educação.

No eixo *Práticas Pedagógicas*, destacam-se abordagens metodológicas que priorizam a aprendizagem significativa e as metodologias ativas, como o trabalho colaborativo e as dinâmicas em grupo. Essas práticas incentivam a participação ativa dos estudantes por meio da produção textual e de projetos interdisciplinares, promovendo criatividade, inovação, trabalho em equipe e autonomia do aluno. Tais elementos ressaltam a importância de envolver os alunos em processos que integrem diversas áreas do conhecimento, desenvolvendo habilidades essenciais para o século XXI.

No eixo *Formação Docente*, o foco está na necessidade de atualização profissional e na formação continuada, reforçando a importância de práticas que garantam a sensibilização para a diversidade e o conhecimento linguístico. Além disso, a adoção de práticas reflexivas surge como ferramenta para o desenvolvimento profissional, o aprimoramento pedagógico e a pesquisa e inovação.

Esse mapa mental sintetiza a conexão entre práticas pedagógicas inovadoras e a formação contínua dos docentes, evidenciando como ambos os eixos são fundamentais para uma educação inclusiva. Ao integrar essas estratégias, é possível fortalecer o papel do professor como mediador e do aluno como protagonista no processo de ensino e aprendizagem, alinhando-se às necessidades atuais da educação.

Ao propor essas reflexões e práticas, esperamos que a educação linguística avance na direção de uma maior representatividade, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes das múltiplas vozes que constituem o português brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar as crenças e atitudes linguísticas de falantes das cidades de Curitiba e Londrina, investigando suas implicações para o ensino da língua portuguesa e propondo estratégias para a valorização da diversidade linguística no contexto educacional. A partir dos resultados obtidos e das reflexões desenvolvidas, é possível reafirmar a importância de desconstruir preconceitos linguísticos e implementar práticas pedagógicas que promovam uma visão crítica e inclusiva da linguagem.

O primeiro objetivo específico consistiu em investigar as percepções e julgamentos dos falantes em relação às variedades linguísticas dessas cidades. Os resultados revelaram que o dialeto curitibano foi associado a maior prestígio e sofisticação, enquanto o londrinense foi, em menor medida, marcado por estereótipos de simplicidade e rusticidade. Esse cenário reflete o impacto de fatores históricos e culturais, que atribuem às capitais uma posição de superioridade simbólica, em detrimento de variantes regionais consideradas periféricas. Essa percepção reitera a urgência de uma abordagem educacional que valorize a pluralidade do português brasileiro.

No segundo objetivo, examinamos a influência de variáveis como sexo, escolaridade e faixa etária nos julgamentos linguísticos. Os dados evidenciaram que mulheres e jovens demonstraram maior receptividade às variações linguísticas, enquanto participantes com maior escolaridade tenderam a adotar percepções mais críticas. Esses resultados reforçam a necessidade de incorporar discussões sobre variação linguística nos currículos escolares, promovendo o diálogo entre diferentes gerações e contextos socioeducativos. A formação docente deve capacitar educadores para identificar esses padrões e trabalhar de maneira crítica com as percepções linguísticas dos alunos.

O terceiro objetivo foi identificar estereótipos e preconceitos associados às variantes regionais e discutir suas implicações pedagógicas. Constatamos que as atitudes negativas em relação ao dialeto londrinense refletem preconceitos linguísticos profundamente enraizados, os quais são reforçados pela escola e pela mídia. Quando não problematizadas, essas percepções contribuem para a exclusão simbólica de falantes de variantes não padrão, impactando sua autoestima e desempenho escolar. Nesse

sentido, a escola deve assumir um papel ativo na desconstrução desses estereótipos, transformando a sala de aula em um espaço seguro e inclusivo.

Por fim, o quarto objetivo propôs estratégias educacionais para a valorização da diversidade linguística e o combate ao preconceito linguístico. Foram apresentadas práticas pedagógicas que incluem: a análise crítica de discursos midiáticos e literários; o uso de obras de autores regionais; dinâmicas de reflexão, como troca de papéis; e a valorização das histórias linguísticas dos alunos. Essas estratégias visam ampliar a conscientização dos estudantes, promovendo o respeito e a valorização das múltiplas formas de expressão da língua portuguesa. A formação continuada dos professores, aliada a práticas reflexivas, também foi destacada como essencial para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas inclusivas e críticas.

Diante dos resultados apresentados, concluímos que as crenças e atitudes linguísticas têm um impacto significativo no ensino de língua portuguesa e na construção de identidades culturais. Combater o preconceito linguístico exige um esforço conjunto entre escola, comunidade e educadores, com práticas pedagógicas que valorizem a pluralidade do português brasileiro. A formação de uma consciência linguística crítica é um passo fundamental para que os estudantes compreendam a diversidade como um elemento enriquecedor, capaz de promover uma sociedade mais democrática e justa.

Este trabalho reforça, portanto, a necessidade de repensar o papel da escola na formação de sujeitos que respeitem e celebrem a diversidade linguística, promovendo uma educação que vai além da norma culta e que reconhece as vozes plurais que compõem a língua portuguesa no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria. **Preconceito linguístico e suas implicações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. **Crenças sobre aprendizagem de línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2007.

BRIGHT, William. **Language and Society**. London: Oxford University Press, 1974.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Language in the Inner City**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008.

LAMBERT, W Wallace. A social psychology of bilingualism. **The Journal of Social Issues**, v. 23, n. 2, p. 91-109, 1967.

LAMBERT, Wallace.; LAMBERT, William. **Attitudes and motivation in second-language learning**. Rowley: Newbury House, 1975.

MOLLICA, Maria Cecília. **Variação linguística e ensino**. São Paulo: Contexto, 2008.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Sociolingüística: teoria e análise**. Madri: Gredos, 1998.

SIMÕES, Dayse de Souza Lourenço; ANDRADE, Lucas Toledo de; HONÓRIO, Emilly Stéfanni de Souza. Uma centelha na escuridão: o lugar da literatura na escola contemporânea. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 23, p. 1–12, 2025.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

| Submetido em: 00/00/2024
| Aprovado em: 00/00/2024
| Publicado em: 00/00/2024